

Marcio Miguel Pereira

CULTURA POPULAR, LIDERANÇAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA

CELACC/ECA-USP

2011

Marcio Miguel Pereira

CULTURA POPULAR, LIDERANÇAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA

Artigo apresentado ao curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

CELACC/ECA/USP

2011

Agradecimentos:

Minha sincera gratidão aos Favoritos da Catira, principalmente ao seu Oliveira Alves Fontes e Edson Alves, que sapateiam alegria e batem 'parma' pra vida.

Ao Celacc, por apontar o jardim das veredas que se bifurcam e conduzem a outros horizontes.

Afinei minha viola
Para cantar na catira
Nossa dança brasileira
Que nosso povo admira

Dança de nosso folclore
O seu valor ninguém tira

Não é para qualquer um
Essa dança é de caipira
Coisa de nossa cultura
Peço ao povo que confira

Nóis falamos a verdade
Não gostamo de mentira

No repique da viola
Vem o nosso sapateado
Acompanhando na palma
Vem um passo repicado

Passo para a frente e para trás
E também passo de lado

Mantemo a tradição
Com carinho e com cuidado
Conservamo o que é nosso
Pra não ser derrotado

Nóis mantemo no presente
Nossa dança do passado

Da viola sai o som
Nosso canto é duetado
Na nossa letra modesta
Mandamo nosso recado

Para todo brasileiro
Vai nosso abraço apertado

Viola na Catira
Os Favoritos da Catira

CULTURA POPULAR, LIDERANÇAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA

Marcio Miguel Pereira¹

Resumo

O presente artigo busca evidenciar na relação entre cultura popular, lideranças sociais e resistência uma produção cultural resistente ao hegemônico e as possíveis ligações entre lideranças sociais construídas nesse ambiente e o conceito de intelectual orgânico. O objeto de estudo são Os Favoritos da Catira, grupo que preserva e dissemina a cultura caipira na prática da dança da catira e na folia de reis há três décadas, localizado na cidade de Guarulhos, na grande São Paulo.

Palavras chave: cultura popular; resistência; intelectual orgânico.

Abstract

The present article aims demonstrate the relation between popular culture, social leaders and resistance a resistant to hegemonic cultural production and the possible links between social leaders in built environment and the concept of organic intellectual. The object of study are the Favorites of Catira, a group that preserves and disseminates the culture countrified in the practice of dance of catira and merrymaking of kings three decades ago, in the city of Guarulhos, in metropolitan area of São Paulo.

Keywords: popular culture; resistance; organic intellectual.

¹ Jornalista graduado pela Universidade de Mogi das Cruzes; Analista de TI com aperfeiçoamento em Internet e Redes de Computadores pela Universidade de Mogi das Cruzes; Especialista em EAD pela Universidade Fundação Instituto de Ensino para Osasco; Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC/ECA-USP

Resumen

En este artículo se pretende dar a conocer la relación entre la cultura popular, dirigentes sociales y resistencia una producción cultural resistente a la hegemónica y los posibles vínculos entre los líderes sociales en el entorno construido y el concepto de intelectual orgánico. El objeto de estudio son los Favoritos de Catira, un grupo que conserva y difunde la cultura palurdo en la práctica de la danza de la catira y juega reyes hace tres décadas, en la ciudad de Guarulhos, en el área metropolitana de São Paulo.

Palabras clave: cultura popular; resistencia; intelectual orgánico

SUMÁRIO

1	Introdução	8
2	A cultura: terreno fértil para a resistência	8
2.1	Potenciais de resistência e transformador	9
2.2	Síntese do conceito de intelectual orgânico de Gramsci	10
2.2.1	A importância do intelectual orgânico na atualidade	11
3	A peleja dos Favoritos da Catira	12
4	Metodologia	14
4.1	Entrevista	14
4.1.1	Resistência ativa e alerta contra as seduições da indústria cultural	14
4.1.2	Os Favoritos da Catira e as aproximações com o intelectual orgânico	15
4.1.2.1	Interação com o grupo social	15
4.1.2.2	Fundamento e disseminação de um projeto social	16
4.2	Observação participante	16
5	Considerações finais	18
	Bibliografia	19
	Apêndices	20

1 Introdução

Este artigo analisa a possibilidade de evidenciar, dentro do universo popular, uma produção cultural de resistência que contrarie a abordagem reducionista de uma cultura popular passiva frente à cultura hegemônica.

A partir do estudo da dinâmica cultural e social dos Favoritos da Catira, grupo preservador e disseminador da cultura caipira situado na cidade de Guarulhos, na grande São Paulo, pretende verificar se as manifestações culturais populares podem ter uma produção independente e de resistência cultural. Tenciona também apontar possíveis relações entre as lideranças sociais concebidas dentro deste grupo e o conceito de intelectual orgânico engendrado por Antonio Gramsci.

2 A cultura: terreno fértil para resistência

A sociedade atual está construída ao redor de vários fluxos: de capital, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, de sons e símbolos. São a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica (CASTELLS,1999). Todo esse processo decorre do advento da globalização e sua lógica mercadológica que homogeneiza os mercados mundiais, impõe o consumismo e envolve todas as esferas sociais, principalmente a cultural.

Neste terreno a hegemonia se instala estrategicamente e transforma toda a produção cultural em bens de consumo, oferecendo apenas o entretenimento. As manifestações culturais que rejeitam essa produção perdem espaço para se expressar e as audiências ficam sem outras interpretações que lhes proporcionem o autorreconhecimento, restando simplesmente a fantasia do entretenimento.

Essa primazia encontra-se nas mãos da cultura hegemônica, que rege o mercado cultural e determina o que será produzido de acordo com o potencial mercadológico de cada 'produto'. Na concepção de Teixeira Coelho (1997) é difícil situar a cultura hegemônica numa época de globalização e reconversão cultural constante, considerando apenas o Estado e suas políticas culturais oficiais como cultura hegemônica. Ela é muito mais ampla, sendo o Estado apenas uma parte; sua atuação está na indústria cultural, na grande mídia e no mercado cultural. A hegemonia domina também os campos

econômico e administrativo, e engloba os domínios críticos da liderança cultural, moral, ética e intelectual (HALL, 2009).

Ainda no enfoque de Teixeira Coelho (1997) a cultura hegemônica só tem sentido considerando a contra hegemonia e hegemonia alternativa, que se encontra na cultura popular: inúmeros processos sociais concretos nascidos no passado ou inventados por elementos modernos para dar conta das necessidades reais dos grupos que as produzem e dela se alimentam na luta pela sobrevivência (COELHO, 1997).

Essa dualidade entre cultura hegemônica e cultura popular resulta no embate simbólico traduzido na resistência cultural, ou os modos culturais de populações subjugadas politicamente, culturalmente ou pela força, e os meios utilizados por essas comunidades na preservação das suas tradições e identidade (COELHO, 1997). A resistência ocorre no combate simbólico com a cultura dominante ou hegemônica.

Então a cultura popular torna-se o campo onde as classes subalternas manifestam, por intermédio de práticas culturais, formas de construir mecanismos de adaptação e sobrevivência contrapondo as desigualdades que estão submetidas em relação à classe hegemônica (assimetria de acesso aos recursos). Estas práticas culturais podem variar de apaziguadoras à revolucionárias (subalternidade ou enfrentamento ao hegemônico) (CANCLINI, 1988).

Nesse sentido a cultura transforma-se em terreno fértil para a resistência produzida pela classe popular frente à hegemônica porque tem um dinamismo que abriga materialmente as negociações, assimilações e ressignificações das ideologias.

2.1 Potenciais de resistência e transformador

A cultura oferece um grande potencial de resistência porque é nela que as classes populares ou subalternas expressam suas tradições, afirmações, sentimentos de pertencimento e reconhecimento.

Conforme o pensador Antonio Gramsci (1985), as crenças populares, a cultura de um povo não são arenas de luta que podem ser deixadas à própria sorte, elas são forças materiais. Estas forças materiais se encontram justamente no terreno da cultura, no qual as práticas, as representações, linguagens e costumes concretos são produzidos

concomitantemente às formas contraditórias de senso comum que se enraízam e ajudam a moldar a vida popular (HALL, 2009).

A cultura demonstra historicamente o seu potencial de resistência:

[...] a cultura é concebida como o terreno historicamente moldado sobre o qual todas as correntes filosóficas e teóricas operam e com a qual elas devem chegar a um acordo. Chama a atenção para o caráter determinado desse terreno e a complexidade dos processos de desconstrução e reconstrução, pelos quais os velhos alinhamentos são derrubados e novos alinhamentos podem ser efetuados entre os elementos dos distintos discursos entre as ideias e as forças sociais. (HALL, 2009, p.307).

As classes populares se apropriam também do potencial transformador da cultura e produzem manifestações culturais de tradição renovada, híbrida, de contestação e inconformismo.

A cultura caipira, por exemplo, preserva na sua tradição a catira, modalidade de dança com raízes indígenas, africanas, portuguesas e espanholas, introduzida pelos jesuítas no processo de colonização do Brasil e muito difundida nos séculos XVII e XVIII no ciclo do tropeirismo. No seu fundamento ela é praticada apenas por homens, pois nas longas viagens perpetradas pelos tropeiros a dança era a principal distração e as mulheres não estavam presentes. Na prática urbana a catira incorporou a participação feminina a partir de novas interpretações impostas nos grandes centros, uma vez que no processo de cultivar a tradição em um novo ambiente por consequência da migração do campo para a cidade as reformulações seriam inevitáveis.

A catira mostra também sua disposição à cultura híbrida, pois os integrantes do grupo Os Favoritos da Catira já ensaiam coreografias da dança no ritmo do rock tocado pelo conjunto Matuto Moderno, ensejando uma rica fusão de estilos.

2.2 Síntese do conceito de intelectual orgânico de Gramsci

A premência de elaborar um novo intelectual, diferente daquele envolto na aura platônica do filósofo-rei arraigado no universo das ideias e palavras, surgiu quando Karl

Marx se apropriou da filosofia da práxis, no século XIX, para evidenciar e propor um projeto alternativo de sociedade, indissociavelmente atrelado à luta de classes. Diante dessa nova realidade o intelectual tradicional não servia porque estava preso à neutralidade científica e indiferente às peijas do seu tempo. Marx exaltava um novo intelectual, engajado politicamente com o seu grupo social para protagonizar a história e ser capaz de perceber e criticar a relação de produção material com as dúbias manobras da reprodução simbólica (Semeraro, 2006).

A partir da nova concepção marxista Gramsci estabelece, na primeira metade do século XX, uma intrínseca relação entre o intelectual, a política e a classe social, referenciando que a filosofia e a educação devem se transformar em práxis política para perpetuarem-se como filosofia e educação (Semeraro, 2006). O grande achado de Gramsci foi, além de enumerar os tipos de intelectual (urbanos, industriais, rurais, burocráticos, acadêmicos, técnicos, profissionais, coletivos, democráticos etc.), transferir a definição de intelectual como indivíduo que pratica atividades intelectuais, um estudioso (portanto, aquilo que o distingue) para a definição de um sujeito inserido na dinâmica das relações sociais, pertencente a um grupo e que se destaca dentro desse grupo por suas ações políticas, culturais, educacionais e no trabalho.

Então Gramsci retira o intelectual da redoma abstrata, avulsa do ser detentor da verdade e do saber, para entranhá-lo na complexa e polarizada trama do tecido social que reveste o dinâmico e expansivo organismo da sociedade. Ao compreender que todo indivíduo é um ser intelectual por exercer a atividade constante de pensar, a distinção do intelectual aglutina-se na sua interação com o organismo da sociedade. Dessa interpretação Gramsci cria o conceito de intelectual orgânico.

Portanto, o intelectual orgânico sintetiza-se no indivíduo profundamente vinculado à cultura, à política e à história das classes subalternas que se organizam para pleitear uma nova hegemonia social (Semeraro, 2006). Ele encabeça, cria as diretrizes e espalha um projeto social.

2.2.1 A importância do intelectual orgânico na atualidade

Para contrapor a hegemonia cada vez mais sofisticada e flexível imposta pelo capitalismo por intermédio da indústria cultural e amplificar as vozes dissonantes dos

grupos sociais que entoam outras interpretações de sociedade é imprescindível identificar, estimular e garantir o surgimento de novas lideranças, às quais serão encontradas quase que em sua totalidade dentro das classes subalternas. Mas não por serem estas portadoras de uma verdade universal ou divina, mas porque subjugadas política, econômica e culturalmente e, portanto, comprometidas genuinamente com uma outra forma de Estado e sociedade civil.

O intelectual orgânico é o agrupamento de todas as aptidões que essas novas lideranças devem ter e como tal pode rechaçar os intelectuais funcionais que servem a hegemonia vigente. É a ferramenta primordial que permite às classes subalternas colorir o horizonte cinzento projetado pela ideologia vazia, niilista e pseudoperemptória dos arautos do pós-modernismo.

3 A peleja dos Favoritos da Catira

O grupo Os Favoritos da Catira surgiu no início da década de 1980 em Guarulhos, na Grande São Paulo. Dois dos principais fundadores, Oliveira Alves Fontes (único remanescente da formação original) e Antonio Gonçalves, integravam um movimento de Folia de Reis. Dentro dessa companhia nasceu a ideia de montar um grupo de catira. Eles juntaram-se a mais pessoas que haviam se mudado recentemente para Guarulhos, oriundas da cidade de Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, consolidando assim a formação. O nome foi sugerido pela produção do programa Viola Minha Viola, da TV Cultura, durante a gravação de uma apresentação do grupo.

A configuração básica da catira consiste na formação de duas fileiras, de seis a oito pares, que sincronizam as palmas e o sapateado ao ritmo das violas da dupla de violeiros (o mestre e o contramestre), evoluindo nos intervalos dos versos da moda cantada para a coreografia determinada pela palma (cada ‘parma’ significa um estilo diferente). Os ritmos que emanam das violas são a moda de viola e o recortado. A indumentária inclui chapéu, lenço, camisa, calça com cinto e par de botas. A prática concentra-se atualmente nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Na tradição apenas os homens dançam (reflexo dos tropeiros, que viajavam sem mulheres), mas a reformulação simbólica de novas formas culturais já inseriu as mulheres na catira, inclusive nos Favoritos, que foram um dos grupos pioneiros nesse quesito.

Na cultura caipira a dança da catira está associada à outra manifestação popular: a Folia de Reis. Um segundo grupo é formado pelos integrantes do movimento, que são Os Mensageiros dos Santos Reis. Eles continuam alimentando na cidade a tradição de devoção religiosa que significa a peregrinação dos Três Reis Santos ao encontro do Menino Jesus, praticada entre os dias vinte e seis de dezembro e seis de janeiro e que leva à frente da companhia os palhaços, personagens que representam os defensores do Menino Jesus.

Os Favoritos da Catira utilizam a Internet para a divulgação dos seus trabalhos através do site produzido por eles. As apresentações e participações nas mídias tradicionais são significativas, tais como na novela Roque Santeiro da TV Globo, no filme Tapete Vermelho do diretor Luiz Alberto Pereira, numa reportagem do Jornal do SBT, nas constantes aparições no programa Viola Minha Viola da TV Cultura, entre outras. O registro da produção traduz-se nos discos Visitando o Sertão (1988), Música Raiz, Catira e Folia de Reis (2004), Lembranças do Passado (2005) e o DVD Histórias e Raízes (2008). Como convidados participaram de vários trabalhos de outros artistas.

A resistência cultural dos Favoritos da Catira está expressa no discurso existente na apresentação do site e sintetiza a peleja que esse autêntico movimento trava há mais de trinta anos:

Distantes de simulacros e das apropriações impositivas da indústria cultural e midiática, os grupos, com um modo autêntico de ser, contornam concessões, mesmo permeados pela interdependência com o moderno na tênue linha entre preservação e mercado. Não abrem mão do jeito caipira perante novas linguagens, hoje forjadas pelo sistema mercantilista de produções consumistas e banalizadas.

Expressar, compartilhar, interagir e preservar estas manifestações reafirma a trajetória de Os Favoritos da Catira e Os Mensageiros Dos Santos Reis. E mesmo quando surgem os transitórios conflitos culturais entre o novo e o real, prevalece o fervor pelos costumes e tradições. (FONTES, 2009).

4 Metodologia

A metodologia empregada consistiu de entrevistas semiestruturadas feitas com integração do grupo e também a observação participante realizada durante os ensaios e uma apresentação pública dos Favoritos, com objetivo de captar a vivência da produção desta manifestação.

4.1 Entrevista

A entrevista foi realizada na sede dos Favoritos da Catira, em Guarulhos, na grande São Paulo, em 21/10, com o seu Oliveira Alves Fontes, fundador do grupo, e seu filho Edson Alves Fontes, herdeiro e disseminador da cultura caipira.

4.1.1 Resistência ativa e alerta contra as seduções da indústria cultural

Seu Oliveira Alves Fontes, violeiro e catireiro, e seu filho Edson Alves Fontes, 33 anos, também violeiro, catireiro e professor de educação física, são os porta-vozes dos Favoritos da Catira e reforçam no discurso do grupo a preocupação em equilibrar a tradição e a modernidade, manter a essência e dinamizar a dança, conforme ressalta Edson Alves: “Ela tem momentos que oscila entre o moderno e o antigo. Eu acho que vai mudando, a cultura em geral, mas vamos pegar o catira, é isso: através da dança. Na criação da dança é que ela, a mudança, vai entrando.”

Eles destacam que a resistência é a constante busca do equilíbrio entre o antigo e o novo, sendo que a tradição ou a essência da cultura está na cabeça dos mestres, e a inovação entra quando as coreografias são reinventadas. Se a proposta de um grupo é a de manter a tradição, o criador concebe a dança dentro de uma originalidade, dentro de um limite, que fica na cabeça do “catireiro”. Aí está guardada a tradição, de mestre para aprendiz.

Neste processo, uma das maiores dificuldades enfrentadas é a de conjugar novos integrantes da cidade, que não possuem a vivência do campo, mas trazem novas referências, e as transformações que isto acarreta na tradição. No entendimento de Edson Alves a transformação é inevitável porque cada indivíduo traz em sua formação a

dinâmica da relação do ser para as coisas que ele faz, transformando cada experiência em ato único e ao mesmo tempo redimensionando a experiência coletiva.

Apontam também a trajetória do grupo como forma de resistência cultural, pois no curso de trinta anos permaneceram fiéis à proposta de manter a essência da cultura caipira e não se dobraram aos modismos da indústria cultural, como a inserção do *country* norte-americano e versos em inglês na música sertaneja, além da derivação do estilo criada pelo mercado e intitulada de sertanejo universitário.

Os Favoritos resumem a resistência cultural em uma frase: estar atento. Isto significa não fazer concessões, entender bem daquilo que se faz e não ter ganância para não ser levado pelo curso da modernidade. Enfatizam que o dinheiro grande só vem se a tradição, o jeito de ser for preterido.

Eles entendem que a cultura caipira conquista seu espaço quando praticada, apesar das inovações, dentro da tradição de continuar falando das coisas do campo, na moda de viola. Qualquer variação que fugir disso é desvirtuada.

Também não abrem mão das novas tecnologias para o auxílio dessa prática. Não basta ser autêntico, tem que ter disposição para se apropriar da internet e praticar a interatividade com todas as mídias para não ser engolido pela avalanche de entretenimentos.

4.1.2 Os Favoritos da Catira e as aproximações com o intelectual orgânico

Expoentes da cultura popular na modalidade da cultura caipira, Os Favoritos da Catira carregam na sua trajetória e no seu discurso características que podem ser relacionadas ao conceito de intelectual orgânico.

4.1.2.1 Interação com o grupo social

O grupo alcançou notoriedade no município de Guarulhos por sua carreira de três décadas, apresentações em programas de televisão, participações no cinema e teledramaturgia e uma extensa agenda de shows em centros culturais pelo Brasil afora.

Por consequência conquistaram respeito na comunidade onde vivem, o que propicia uma relação de constante agitação cultural amparada na dança da catira e folia de reis.

Os Favoritos da Catira tentam articular um discurso político ainda em gênese, e enxergam na sua tradição um meio de construir alternativas à indústria cultural que possam ser compartilhadas com a comunidade, pois entendem que um Estado omissivo e despreparado exige atuação social redobrada na cultura popular.

4.1.2.2 Fundamento e disseminação de um projeto social

Para aprimorar as apresentações dos Favoritos da Catira e sua extensão Os Mensageiros dos Santos Reis, enquadrá-lo na estrutura jurídica e criar condições de dar continuidade na preservação e difusão da cultura tradicional caipira os integrantes entenderam que havia a necessidade de fundamentar institucionalmente estas intenções, então em 2008 Edson Alves idealizou o Instituto Marungo. Como ele mesmo reconhece, o instituto ainda exerce apenas as funções burocráticas e jurídicas do grupo, e para transformá-lo em construtor efetivo de projetos sociais muitas ações precisam acontecer, como a construção de uma identidade cultural com a comunidade.

4.2 Observação participante

A observação participante aconteceu em 29/10 na cidade de Itapevi, interior de São Paulo.

Por ocasião da celebração do casamento de um dos integrantes, eles decidiram fazer uma festa de folia de reis, pois Os Favoritos da Catira formam também Os Mensageiros dos Santos Reis. Munidos de viola, violão, rabeca, cavaquinho, caixa de folia, pandeiro e na vanguarda, abrindo caminho, os quatro palhaços (também chamados de bastião ou marungo), a companhia peregrinou pela região visitando as casas dos adeptos da folia de reis, aqueles que recebem a bandeira.

Nas casas visitadas fizeram a saudação ao dono e à dona, cantando em coral as toadas de louvação, pedindo licença ao patrão (dono da casa) e solicitando oferendas em forma de alimento para todos. Em uma destas casas, ao ser oferecido refrigerante para

os integrantes, seu Oliveira falou: “Nesse calor ceis tão oferecendo refrigerante pra nós? Não tem pinga não?” A brincadeira provocou riso geral evidenciando o clima de descontração e harmonia. Na despedida abençoaram e agradeceram ao patrão e os palhaços entoaram: “Viva os três reis magos! Viva o patrão com a bandeira na mão! Viva a todos que aqui estão! Viva os quatro bastião!”

A folia culminou com o fim da peregrinação na casa do integrante que casou e fez o papel do festeiro (aquele que abriga a companhia) oferecendo o almoço de confraternização. A festa adentrou a tarde e a noite com muita moda de viola e catira.

Essa observação de campo possibilitou a constatação de como se dá a preservação da identidade cultural na cultura popular quando um grupo está distante do território original de produção desta cultura.

A folia de reis é feita originalmente entre os dias vinte e seis de dezembro e seis de janeiro, mas Os Mensageiros dos Santos Reis readequaram a manifestação para outubro, então buscaram e conservaram entre sua rede de relacionamentos indivíduos que, assim como eles, vieram do interior e ainda cultivam a folia. Assim encontram as casas para visitar e dentro delas aqueles que recebem a bandeira da companhia. De outra forma a tradição não perpetuaria, pois dentre aqueles que nasceram no ambiente urbano não há cultores da folia de reis.

5 Considerações finais

A análise da dinâmica cultural e social dos Favoritos da Catira provou que há resistência cultural ativa e consciente em determinadas manifestações da cultura popular.

Por intermédio da catira e também a folia de reis, tradições presentes no universo da cultura caipira, Os Favoritos da Catira e Os Mensageiros dos Santos Reis legaram uma produção de independência funcional que atravessa três décadas marcadas pela essência da tradição. O documentário Histórias e Raízes, produzido por eles em 2007 condensa a trajetória dos Favoritos evidenciando a persistência de cultivar a dança catira, a moda de viola e a folia de reis com alegria e simplicidade. A tradição está no ensinamento do catira de pai para filho, como atesta o catireiro mais novo, o pequeno João Vitor de oito anos, que dança desde os quatro. A essência perpetua na teimosia dos Mensageiros dos Santos Reis em celebrar a folia no mundo urbano.

Quanto às aproximações com o intelectual orgânico, Os Favoritos da Catira aderem-se mais ao conceito no âmbito popular por apresentarem uma forte relação com a cultura caipira. Não construíram um discurso político direcionado a superar a relação poder-dominância, porém demonstram uma intenção, mesmo que desarticulada, de promover um projeto social ético-político.

O instrumento para fundamentar suas ações, intenções, ensinamentos e projetos é o Instituto Marungo, que ainda funciona apenas como amparo jurídico. No entanto Os Favoritos da Catira conjugam todos os elementos necessários para a construção de um intelectual orgânico. Isto talvez ocorra se o tempo e as ideias do grupo convergirem para a maturação de um projeto político combinado com a liderança de algum integrante, ou de todos.

Bibliografia:

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima, PE: Instituto para América Latina, 1988.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V. 1
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica**. São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006.
- FONTES, Edson Alves. **Os Favoritos da Catira e os Mensageiros dos Santos Reis**. Disponível em www.osfavoritosdacadira.com.br/quem_nois_e.php, acessado em 31/10/2011.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1 Ed. atualizada. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.
- SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.
- VALADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-9092007000100012&script=sci_arttext, acessado em 15/09/2011.

Apêndice A - Entrevista com Os Favoritos da Catira

Essa entrevista foi realizada em 21/10 na sede dos Favoritos da Catira, em Guarulhos, com o seu Oliveira Fontes (fundador do grupo) e seu filho Edson Alves. O roteiro consiste de sete perguntas numeradas. As perguntas sem numeração surgiram da interação e contexto com os entrevistados. As informações em parênteses explicam alguns termos e conotações.

A forma falada foi transcrita literalmente para preservar a fidelidade das expressões dos entrevistados.

1 Como surgiu o grupo Os Favoritos da Catira?

Edson Alves: Surgiu de um encontro dos imigrantes, eu chamo de imigrantes, um pessoal que veio do interior de São Paulo, e esse encontro deles foi capaz, aconteceu, por conta da Folia de Reis, antes dos Favoritos da Catira. E antes da Folia de Reis por conta também de uma associação de música sertaneja que tinha em Guarulhos. As pessoas se encontravam lá pra falar de moda, pra cantar, pra tocar, e... aí meu pai fala muito de uma viagem, que ele sempre cantou Folia de Reis no interior mesmo morando aqui em Guarulhos, o grupo foi formado aqui em Guarulhos. E numa Folia de Reis dessas lá no interior um outro falecido mestre de folia, que era da nossa turma, falou: ‘Oh Oliveira, se gosta dessas coisa, e tal? Ce mora em Guarulhos, né?’. E ele (seu Oliveira): ‘É, moro. E você?’ (mestre falecido): ‘Ah, eu moro em São Paulo’. (seu Oliveira): ‘Ah, então nós tamo perto!’. (mestre falecido): ‘Vamo tenta faze uma Folia de Reis pra lá, Guarulhos, São Paulo...’

Voltaram com essa ideia e aqui bateram um papo, meu pai falou (seu Oliveira): ‘Ah, eu conheço uns cara que moram por lá também, que era do interior...’ outro falou: ‘Eu conheço mais um’, e então juntaram pra fazer a folia.

Entrevistador: De qual cidade teu pai veio?

Edson Alves: Ele fala que é de São José do Rio Preto. Mas ele tem também um monte de dúvida (risos). Ele fala que é de Tanambi, daquela região lá do Sol... Porque a referência na época dele, da pessoa bem simples, lá do mato, eles falam corgo (local onde nasceu). A referência era corgo: nasci no corgo tal... Eles não davam muita importância pro nome da cidade. E também tinha o distrito de uma cidade, a comarca, o

patrimônio. Então tudo é a figura de linguagem, e ai vai complicando... Então é isso: em resumo São José do Rio Preto.

Ai encontrou aqui, conheceu os companheiro pra fazer a Folia de Reis. Nesses encontrinhos pra ir formando a Folia de Reis, aqui em casa inclusive, saiu um catirinha, os amigos dançaram um catirinha.(O pessoal que veio do interior disse): ‘Uai, ceis sabe isso! Nós também sabe!’. No novo encontro de folia, no final saia, batia um catira. E foi nisso “Ah, vamo faze um catira também!”. Foi ficando bão o grupinho até que resolveram leva em frente, foram pro... - Ai o véio! (Nesse momento chega o fundador dos Favoritos da Catira e pai de Edson Alves, o sr Oliveira Fontes)

Entrevistador: Oi seu Oliveira, tudo bem com o senhor?

Seu Oliveira: Tirando as parte ruim o resto tá tranquilo. (risos) Tirando o que não presta o resto tá bão. (risos) (Se ajeita na cadeira e assente para continuarmos a entrevista).

Edson Alves: Ai foi que, resolveram, o programa Viola Minha Viola convido pra faze uma apresentação lá, uma gravação. Ai resolveram ir. Chegou lá, os caras (a produção do programa) pediram um nome pra por lá no vídeo, mas não tinha nem nome, era só mesmo porque tinha acontecido por um acaso (explicando a falta de nome no grupo) e eles sugeriram, provisoriamente: põe aí, já tem os Reis da Catira, já tem não sei o que da Catira, põe os Favoritos... e tá nessa dai, e ai pronto.

Entrevistador: E isso foi em que ano?

Edson Alves: Foi em oitenta. Oitenta essa passagem do Viola Minha Viola, mas já tinha começado um pouco antes. Eles começaram a dançar com essa associação, que eu falei, que chama Águias, lá também, dançava uma catirinha, e ai foi, formou-se os Favoritos.

Entrevistador: De lá para cá, como o grupo se manteve no sentido de chamar novos integrantes?

Edson Alves: Isso aí é natural, bem naturalzão, né? Ou chega alguém que já sabia, vindo do interior, porque isso é forte no interior né, então as pessoas que moraram no interior, geralmente, passaram por catira, essas coisas, ou chegava alguém que já sabia ou foi aprendendo aqui, próximo da família, próximo do núcleo aqui né, foi aprendendo. Parente, vizinho... ou então que nem no meu caso, eu esqueço de mim! Crianças né, vai crescendo, convivendo com aquilo. Tem várias formas de uma pessoa ingressar num

grupo, de aprender catira. Tudo, geralmente natural. Até um período assim ó, pra agitar esse grupo, foi muito natural, e depois foi por intenção que começou a chegar gente com intenção mesmo. Ver a gente numa apresentação, em vez de conhecer in loco, vamo dize assim, em vez de fazer parte da vida e sem querer. Teve gente de ve mesmo, falar: ah, quero aprender. Ligar, pra aprender, então até isso já aconteceu.

Entrevistador: Ou seja, a pessoa não era do meio de vocês.

Edson Alves: Quase que sem vínculo.

Entrevistador: Ai a pessoa gostou, ligou e ingressou?

Edson Alves: Assim, ó: ligar, de fora mesmo, gostar, e vim aprender, não chegou a ingressar até hoje. Não tem ninguém, né pai? (Seu Oliveira afirma com a cabeça). Mas teve amigo que não tinha vínculo nenhum de catira, por exemplo, que já chegou a formar o grupo. Namorado de alguém, já teve. Entendeu? Não que venha da base da gente. E isso é bão também, né? É diferente e ajuda.

Entrevistador: Basicamente é pela tradição mesmo, pela oralidade...

Edson Alves: No nosso grupo, já não. Eu diria assim: eu separaria a cultura do catira e o grupo Os Favoritos, sabe. A cultura do catira, até um pouco da história, era só por tradição e oralidade, de prática, empírico, né? Mas, assim que o catira caiu na mídia, televisão, internet, essas coisas, eu acho que já tá, como é que fala? Não é contaminado! Ele já misturou, então não é só... Por exemplo, pra você ser catireiro você tinha que obrigatoriamente, pela história, não que é obrigado pelas condições naturais, você tinha que estar num núcleo onde tivesse catira. Um grupo ou um mestre, você tinha que ser muito próximo daquilo. Agora, hoje em dia não, já tem umas coisas assim de... tem gente que aprende uma coisinha só pra, de repente, mostrar num lugar e depois nunca mais vai te contato com catira na vida, tem outros que vem, aprende, e para... vem uma vez no mês... porque viu em algum lugar. Tem gente que quer aprender à distância, quer que a gente passe o barulho por telefone, orientação, manda email, ou: “Me manda uma faixa (de música) que eu vou tentar aprender daqui”. Isso dá um outro trabalho! (acadêmico): A catira e as mídias (risos).

Eu acho que eu não passei por um ambiente da tua resposta: (referindo-se à observação que o entrevistador fez sobre a relação do grupo com a tradição e oralidade) qual a

relação da oralidade do antigo e do novo, né? Isso que é legal no nosso grupo. É bem mesclado.

2 Durante a trajetória a dança da catira sofreu alguma mudança, adaptação por influências urbanas ou permaneceu original?

Edson Alves: Não, muita! Isso aí, vishe! Dá uma... é filosófico demais, né? Por exemplo, da pra gente questionar se ela permaneceu original. Dá onde que é a originalidade? O que é catira original? Qual o parâmetro, qual o gabarito pra falar: que catira (o estilo) é original, esse não é? E aí, se a gente pega e põe um como original, a gente descarta ou desmerece a trajetória da própria cultura. O próprio catira, você pega e fala assim: ele não pode mudar, né? Você evita vidas numa dessa, nada pode mudar?!, Você quer uma estrutura de modelos. O folclore, ele é... se fosse assim não nasceria manifestações, não haveria avaliação. Por exemplo, tem uma questão, que a gente depara às vezes: tem gente que fala assim: “Catira e fandango (dança da tradição gaúcha) é a mesma coisa?” Porque você pega indícios de confusão na cultura, né? Você pega, o Tônico e Tinoco canta: “Arrecebi um convite...” né? A música chama Fandango.

Seu Oliveira Fontes: Fandango mineiro.

Edson Alves: E é catira, sabe? Tem, você vê na história, caipiras assim, gente do interior, falar: “Vamo prum fandango”. Cê olhando, bicho, é catira. Então assim, o folclore é muito louco. E também cateretê, ou pagode. Vamo num pagode hoje. O pagode, pode ser que o cara tá indo prum catira, e ele fala: “Vamo prum pagode”. Pagode é a festa, não é o que tá dançando. É o evento como um todo. Quer dizer, então, você pegar e fala assim: “O catira é original”. Aí eu vou falar dos Favoritos da Catira. O nosso catira é original, só que bem diferente, sei lá, dos catiras... Se pegar a trajetória do catira inteiro, lá do começo, é bem diferente, hoje. E é diferente grupo que tá em atuação hoje, totalmente moderno também, que manteve numa linha, sei lá por que, cada um teu sua trajetória.

E na nossa tradição de hoje, guarda muita coisa lá do começo, original. É que é complicado, é um assunto que dá pano pra manga. É, porque, por exemplo, aí é bom, depois cê se vira aí pra organizar (referindo-se à variação dos temas na entrevista). Por

exemplo, como é que o catira é dançado? Ele é dançado em palmas, a gente fala: “Vamo dança uma parma”. Então, por exemplo, cê tá cantando uma música, cantou um verso, uma estrofe, caipira fala trofe. Cantou um verso, uma parma, cantou outro verso, outra parma, uma não é igual à outra, sabe? E essas parma que eu tô falando é uma composição, tem começo, meio e fim, arranjo fixo, tem nome. “Vamo dança agora a tanabi”, todo mundo já sabe qual é a tanabi: “Tá..Tá...tátátá...” qual é o batido. Então cê tem dança que é bem... tem quarenta anos, tem dança que tem cinco anos, tem dança que tem uma semana, essas composições. Ai se pega dança que nelas, em si, tem coisa bem antiga, coisa mais prá frente, numa dança. Ela tem momentos que oscila entre o moderno e o antigo. Então, se fô afunda mesmo o assunto... Eu acho que o que vai mudando, a catira no caso, a cultura em geral, mas vamo pega o catira, é isso: através da dança, eu penso dessa forma, né? Na criação da dança que ela, a mudança, vai entrando. Na música muda pouco, porque na música não permite. Ou então é moda de viola e recortado ou não é catira. Então é só aquilo mesmo. A letra também num foge muito de falar do campo, de falar do próprio catira. Agora, na dança, ai já da pra começar... mas sempre dentro da tradição. Se a proposta do grupo, da pessoa que tá criando a dança é de manter a tradição, você consegue criar dentro de uma originalidade, vamos dize, dentro de um limite, tudo tem um limite, tem regra, tem um regulamento, que tá na cabeça do catireiro, isso num tá em lugar nenhum, tá na cabeça. Ai que é guardado a tradição, de mestre pra quem tá aprendendo. Isso é uma responsabilidade, entendeu? É a autonomia do catireiro, do mestre, no caso, né? Aí a tradição não está em lugar nenhum.

Entrevistador: Nesse contexto é a oralidade, não é?

Edson Alves: É a oralidade, a prática...está no fazer.

Entrevistador: Você não tem nenhum manual...

Edson Alves: A oralidade eu acho que cabe para o contador de histórias. Coisas que são mais as histórias, as lendas do caipira. O conhecimento, como fazer uma comida, a avó transmite pra neta falando. O catira, é muito fazendo, é mais na prática. Falando e fazendo, e contando também como as coisas eram. Então é um sarsero (mistura). E isso é legal, né? A gente que mexe, guarda, é um guardião da coisa. Se a responsabilidade não tá fugindo do que sempre foi, é por causa dos mestres, dos guardiões, que mantêm, que tem responsabilidade. Se não você muda tudo, transforma tudo.

Agora, tem outra coisa que cabe nessa pergunta: é que eu me ative à essa coisa do original. Mas, tem muita mudança, acho que é muita filosofia também, por causa do indivíduo. As coisas são compostas por pessoas, as pessoas tem características diversas. Imagina quem é da cidade, mexendo com uma coisa que é originada no campo. Não tem como não ter transformação, porque o indivíduo carrega o que é da formação dele, do ser pras coisas que ele faz, né? No movimento, no jeito de falar, no jeito de tocar, acaba tendo características de como a pessoa é, né? Por isso que a dança fica um pouquinho mais, às vezes até mais criativa, vamo dize.

Os Favoritos carrega uma marca, desde o início, de coreografa bastante o catira, de ousa, vamo dize assim. Um grupo que desde o início teve muita ousadia na cultura, né? A catira sempre foi dançado ali, quietinho, cada um na sua fila, sem muita evolução... E aí os Favoritos não. Cê vê, a turma que compõe, que criou o grupo já tinha uma ideia prá frente: “Ah, vamo sê diferente, vamo inova!” E é isso, eu acho que é uma característica nossa, de hoje até um pouquinho te aumentado, vamo dize assim, é de cria mesmo! A gente tem uma coisa, assim, tem muita vaidade, sabe, na cultura caipira que é de faze melhor que o outro. O caipira sempre teve isso, se vê, nas roda de viola das duplas... Então nós não ficamos prá trás, já que é pra ser melhor que o outro e faze bonito, tem que faze bonito. Tem que tá sempre criando com essa intenção, de não fica pra trás, às vezes de se modelo.

3 É difícil continuar preservando essa modalidade de cultura caipira? Quais são as maiores barreiras enfrentadas?

Edson Alves: Nossa, é bem difícil! Que fala? (pergunta ao pai)

Seu Oliveira: Pode fala. Cê sabe tudo.

Edson Alves: É difícil pra dana. Assim, também é relativo, tudo muito relativo.

Entrevistador: Porque, ao mesmo tempo que a modernidade traz certos avanços ela também traz...

Edson Alves: A maior dificuldade tá dentro do grupo mesmo. Os componentes, com as pessoas, né? Porque é muita informação, a cidade, os tempos de hoje, muita informação, muito... como eu diria? Muita índole, muito tipo de gente, então cê foge do

modelo rural, lá de... a intenção é só diverti, ir numa festinha de vez em quando... Aqui as intenções não são só estas, não é só diverti, só passa umas horas, canta umas moda. Ai lasco, se pega um grupo igual ao nosso, estruturado, com fama, com evidência, com dinheiro... E ai começa a misturar, tudo que tem na cidade, na empresa, na escola, em casa, tem no catira também. Ai é lidar com conflitos, administrar conflitos, administrar uma coisa e outra, é uma dificuldade. Mas também não é tão difícil porque também tem mais gente interessada, tá sendo mais mostrado, tem mais gente querendo aprende. Tem tudo isso, né? É só você te a tranquilidade, que é difícil, de não quere se como sempre foi. Tinha uma época que os integrantes eram só aqueles definidinho, num tem assim, quando vai vai todos, quando não vai não vai ninguém, então era um tempo mais tradicional: cê dança sempre com o teu parceiro, ah, o uniforme é tal, tal hora se põe o uniforme e tem um comportamento, tirou é outro. Dentro do carro fala uma coisa, num fala. Isso gira desde a educação das pessoas até liderança, obediência. Então, se você tive a tranquilidade de sabe que nunca mais vai se como era, consegui avança, ai é fácil. Se não, é difícil (risos). Ou seja, tem que fazer algumas concessões, de várias maneiras, isso do ponto de vista do trato humano.

Agora, com os recursos é até bão, internet, site, redes sociais, isso ai ajuda. Você sabendo usa a teu favor...

4 A Internet mudou alguma coisa no processo de divulgação do trabalho?

Edson Alves: Vishe, nossa! Isso ai é fato, né? É legal que deu uma coisas assim no grupo, também, um... reverberou um pouco de conflito até pra saber se adquiria equipamento pro grupo ter internet, é uma, se faz site ou não, gerou também conflito, ce vê. Mas depois do conflito resolvido é bão, porque saiu divulgação adoidado, já apareceu show, apareceu muita coisa boa.

Entrevistador: Eu cheguei até vocês por causa do site.

Edson Alves: Não só o nosso grupo, o próprio catira, a própria cultura ganhou mais dimensão. Melhora muito, vishe!

Entrevistador: Mesmo porque ela encontrou um campo de divulgação que não tinha nas mídias tradicionais, não é?

Edson Alves: Essa coisa marginal da internet é bão, né? A tv é engessada, é elitizada, tem vícios, tem esquema. A internet ninguém cerca ninguém, né? Você faz o que você quer. Cê põe onde quiser.

Entrevistador: Eles tentam, mas, por ela ser mais marginal você tem mais liberdade...

Edson Alves: Você tem a busca. Você tendo como te acha, alguém acha. Fez um site, acabou. Quem vai impedir, né? Digito lá: catira...

Entrevistador: Vai aparecer no Google...

Edson Alves: Pelo menos... Você pega uma lista de email, que te interessa, e manda, também ninguém segura. Manda pra jornalista bão, revista, jornal, um release, né? Então, que dizê... Não é só a ferramenta, o conhecimento também interessa. É outra coisa legal pra você falar, né? Que nem eu falei do ser. Cê pega o uso de catira nosso, hoje, a maioria tem universitário, curso universitário. Quando (no passado) era uma cultura formada por pessoas só da lida do campo, do trato com animal. É até inocente a gente fala que não vai ter diferença... Num tempo em que se formava por homem do campo, num tempo que se forma por gente formada em universidade. Então, ter as ferramentas modernas e saber usar. Cê vê, uma estratégia, né? Manda pra jornal, pra revista. Quer dizer, é moderno mesmo, modernizou. (risos)

Entrevistador: O número de integrantes é fixo?

Edson Alves: Não mais. É muito loco, né? Com esse tanto de gente querendo aprende, aprendendo, a vontade... fica livre assim...

Entrevistador: Não tem um número exato?

Edson Alves: Não.

Entrevistador: Hoje, quantos integrantes tem?

Edson Alves: Mais ou menos doze. Uma média, né? Tem gente que tá meio parado, cê não sabe se inda vai ou não, sabe? Acho que é dinâmico demais hoje em dia.

Seu Oliveira: Às vezes o que atrapalha alguma coisa é o emprego, né? A pessoa tem emprego, e pra dexa o emprego pra ir pra catira... perde o emprego. Às veis tem esse problema.

Edson Alves: A gente não pode... perde o emprego se não for no catira... não... se for no catira perde o emprego. A gente não pode fazer a pessoa perder o catira por causa do emprego... Cê como começa a não ter... a não fixar elementos. A gente até, às vezes, por saudosismo, chega a falar... mas também é coisa de transmitir a responsabilidade.

Seu Oliveira: Só teve um loco que fez isso: perder o emprego por causa do catira e da viola... eu pedi demissão (risos). Os cara pergunto assim pra mim: “O que eu queria ser, violeiro, catireiro ou trabalhar?” Eu falei: “Ó, se tive que escolher, eu vou ser violeiro e catireiro!”. Eu fiz a minha opção. Loco assim é pouco. (risos) Tem que gostar muito, né?

Edson Alves: Eu também direciono minha vida de uma forma que eu não tenha que chegar numa decisão dessas, porque...

Entrevistador: Se tiver que chegar a gente já sabe a resposta, né? (risos)

Edson Alves: Quer dizer, eu nunca fui atrás de... às vezes a gente até entra nuns conflitos assim, pensando na vida, cê fala: puta merda! Tem hora que eu beiro a fronteira de fala assim: “Vô parti pra uma vida mais séria, vamos evoluir”, não sei se isso é evolução, mas aí eu falo: “Não, deixa eu quieto aqui com o meu emprego”, (Edson é professor de educação física) que permite uma elasticidade pra trabalhar com o catira, uma conciliação. Eu já tentei até ficar só pro lado de catira, cultura e música, é complicado.

Entrevistador: Nos dias de hoje está mais difícil a gente romper com as coisas, é mais fácil buscar a conciliação.

Edson Alves: Quer dizer, às vezes a gente tem saudosismo com o pessoal mais novo. A gente fala assim: “Pra você largar o grupo não é assim, tem que ter compromisso!” Porque não é só o emprego, né? As relações sociais, o entretenimento, os compromissos... os mais jovens principalmente. Gera uma crise. A cidade tem muita informação, interesses, opções. É uma relação, não vou falar difícil, mas é bem diversificada. É uma relação complexa.

5 Vocês classificam esse trabalho como um projeto social? Como é a relação do grupo com a comunidade? Vocês acham que exercem algum tipo de influência sobre ela? Vocês tem essa intenção?

Edson Alves: Tem, intenção a gente tem. Já tivemos muito mais, mas agora tamo mais tranquilo. Mas, numa pequena escala, vamo dize que a gente tem. Aqui ao redor do bairro, na família... Na cidade a gente já teve uma participação mais destacada, vamo dize assim. Na cidade já consideraram a gente como algo... como é que fala? Importante vamo dize... mas a palavra é outra, de destaque, que carrega o nome (da cidade de Guarulhos). Tem esse discurso, que leva o nome da cidade prá fora, que é um tipo de orgulho. Tem isso também, né?

E cê vê, a gente se organizou em instituição jurídica, direitinho, pra ve se fazem uns convênios, pra ampliar esse atendimento, sabe? Faze projeto social mesmo! Mas ainda tamo meio patinando. Ai fica nessa pequena escala de bairro mesmo... e é isso, leva o nome da cidade aí, mostra que aqui tem um dos melhores grupos de catira do Brasil, não sei o que... Serve né? Conotação política a gente tenta ter também, essa coisa de resistência cultural, de combate um pouca a indústria cultural, essas, como é que fala? Atrações comerciais, que não somam culturalmente pra formação de uma criança, de um cidadão, de mante a identidade, raiz de país, cidade, de cultura. A gente transita por esse ambiente também, tem essa preocupação. Porque a nossa tradição é também uma ferramenta social de construção de conhecimento, de crianças (para elas), até de adulto! A banalização tá tão grande que tem adulto menos formado que certas crianças. A gente sempre enxergou nessa nossa tradição uma ferramenta de combate à... como é que fala? À ignorância (risos), pra pega mais leve (risos).

A gente tenta também fazer isso, trabalhos sociais, políticos, culturais... sei lá! A gente é muito pé atrás, muito caipira. Eu acho, eu enxergo também o trabalho político e social nosso, só da gente não cede muito já é um baita de um trabalho cultural, sociocultural. Não cede, não faze concessão de estilo, de roupa, de letra, de música, de imagem... na dança. Porque a gente é rodeado por essas tentativas da mídia, mercado, o mercado da cultura, televisão. Então, se a gente não tive vigiando, como diz o outro, a gente acaba mudando sem nem percebe. Entendeu? O trabalho é grande, tudo: você tem que trabalhar, viver normal, cuidar da vida nossa social, fica esperto pra não cede e quando dá, a gente avança. Tenta faze alguma coisinha pra sair um pouco.

Entrevistador: Justamente, a sedução da mídia é complicado. Eles tem formas de cooptar sem as pessoas perceberem. Por exemplo, esse título que inventaram agora: sertanejo universitário, forró universitário... Daqui à pouco vai ter rock universitário...

Seu Oliveira: Isso é brasileiro froxo, mal patriota que faz isso. O cara tem que ter patriotismo e não ceder. Não pode fazer acordo por dinheiro, tem que ser acordo por decência.

Edson Alves: Não tem identidade, né? Quando cê fala de patriotismo cabe a palavra identidade. A pessoa não tem referência do que ela mesmo é, de família. Cê vai expandindo o raciocínio: o cara não tem (referência) em casa, não tem no bairro, na cidade ele não sabe qual é a cultura da cidade dele, num sabe do estado, do país... o Brasil tem essas...e isso aí vem, mania de fica vendo o que é de fora, mania de consumi...e a culpa? A sociedade tá lascada, porque a sociedade é massa de manobra e quem devia olhar pela sociedade às vezes nem tem esse esclarecimento também. Tem muita gente sem condições de ocupar os cargos... ishe! Se for procurar político que não tem... Você pega secretário de cultura que não entende de cultura, não sabe o que é identidade. Cê vê, com tudo isso que eu tô falando não tem como a gente não ter um trabalho sociocultural, uma luta, uma resistência, entendeu? A gente entende que não é só dançar a nossa catira, saber compor, saber dançar. A nossa missão é um pouquinho maior aqui na cidade, né? Acho que se a gente tivesse num interior bem ermo, assim, talvez não precisasse se preocupar com isso. Agora, aqui tem que lutar um pouquinho, porque é essa falta de identidade mesmo, essa falta de preparo, de conhecimento, de acesso. Às vezes as pessoas não tem porque ninguém oferece. Quanta gente fala: “Nossa! Não sabia que isso existia! E tão perto!”.

Entrevistador: É justamente no campo cultural que as classes populares encontram a forma de se expressar e ter uma identidade. Vai além da televisão, que apresenta apenas estereótipos.

Edson Alves: De se manifestar, né? Essa coisa do universitário, eu brinco até pra não ficar metendo o pau porque tem que alcançar uma posição que você fica tranquilo (diplomacia). Às vezes não vale a pena ficar discutindo. É como eu digo: muita gente não tem culpa! Então, às vezes cê tá descendo o cassete num cara que tá do teu lado, um amigo, um parente, alguém que é da raiz e tá lá fazendo.

Seu Oliveira: Mas esses cara vai por dinheiro, bicho! É uma questão de preço. São desse tipo que por dinheiro vende qualquer peça do corpo (risos), vende a dignidade, deixa os conceitos de lado.

Edson Alves: Igual meu jeito de brincar: Ó, nós não tem nada de sertanejo universitário. Tira nós que nós já tamo formado (risos). Chega! Às vezes eu brinco no palco, eu falo: “Essa turma nunca sai dessa universidade, já tem uns quatro ano que tá enchendo o saco!” (risos).

Mas isso ai se sabe, né? Acho que você manja disso. Qual é o mote dessa coisa, que nem cê falo, já teve o forró, agora tá no sertanejo, um dia vai chega no rock. O ‘universitário’ não tem nada a ver com a cultura, é o público. O interessante aí é o jovem, quem curte, né? Fala um pouquinho da linguagem, dá uma trabalhada pra fica digerível pro jovem. (Apropriação da cultura popular para torna-la hegemônica mercadologicamente). (...)

O sertanejo universitário resolveu um pouquinho desse problema (do adepto não precisar da indumentária do ‘cowboy’): o sertanejo universitário não obriga a por o chapéu, lenço, bota, fivelona, calça apertada... o cara pode ficar num aspecto mais tranquilo e gosta de música sertaneja. Ó, os cara que fabrica (indústria cultural) é muito esperto. Eu devia fabrica isso ai (em tom irônico), essa cultura industrializada. Ele pensa: “oh, o cara tá tendo problema pra sair à noite (no sentido de aderir à moda por causa da indumentária), a música também tá muito arraigada ainda, vamo por um inglês no meio”, eles vão dando um jeitinho. Porque eu vi, eu convivia bastante no meio dos ‘cauboizão’ e via os cara, como era... Os caras me chamavam de ‘abeião’ (abelhão, por ser autêntico no meio de estereótipos) e falavam: “Não mexe com esse aí não, que esse é catireiro!” (risos).

6 O que é resistência cultura para vocês?

Edson Alves: Dá pra resumir numa frase: é estar atento. Estar atento pra não ser levado, às vezes até mesmo sem querer, pelo curso da modernidade. Tem que estar atento, não fazer concessões, entende bem daquilo que cê faz. Se você faz uma variação, você sabe o que tá fazendo, até onde cê permite, entendeu? Não ter ganância, não querer ganhar dinheiro demais com isso. Se tiver ganhando dinheiro demais com certeza cê tá desvirtuando. O dinheiro grande só vem se você abrir mão de alguma coisa da tua tradição, do teu jeito. Enquanto nossa tradição não tiver um espaço digno, você só consegue o espaço com sacanagem. Então eu acho que resistência cultural é isso. Você

estar interessado naquilo que você faz de verdade e acabou. Não ceder fácil. A gente tem até no nosso release, que fala não abrir concessões, não ceder às imposições da mídia... manter uma inter-relação com o modernismo. Resistência cultural também é não da uma de chucro e fala que cê não mexe com as ferramentas dos dias de hoje, não! Tem que usar pra você garra mais ainda na tua cultura. Tem que sabe o que tá acontecendo, tem que sabe faze uma análise do que é o sertanejo universitário... ou não, se você fechar os olhos, ser autêntico e ir direto... só que cê pode morrer, entendeu? Se você fecha o olho e fala: “Eu tô fazendo o que eu sei”, acabou. Do jeito que a coisa, a avalanche tá, cê termina engolido. A gente corre esse risco, mesmo mantendo uma relação com a linguagem da internet, da rádio, da tv. Porque a resistência tem que ta agarrada em algum lugar e tentando expandi, né? Se você fica só quieto e falando: “Tô fazendo como é!”, pronto, você some. Eu acho que tem que tá mais atento um pouquinho. Tenta amplia, difundi, com responsabilidade, guardando a originalidade.

Entrevistador: A Folia de Reis, por estar atrelada ao cunho religioso, é mais fácil de manter a tradição?

Seu Oliveira: É quase a mesma coisa, é tudo igual. Não muda muito a Folia de Reis de catira. Depende da boa vontade de cada um, porque não tem, ninguém pode visa lucro financeiro, porque não vem dinheiro mesmo pra mante ninguém vivo. Então a Folia de Reis e catira tá tudo mais ou menos igual, mante um grupo dá um trabalho danado. (risos)

7 Como está o Instituto Marungo?

Edson Alves: Rapaz, só burocraticamente que tá bão. De ação nois tamo bem parado. É bão porque dá um apoio jurídico pro grupo de catira, entendeu? Se precisa da natureza jurídica, taí. Essa foi uma das intenções de criar, também. Não era só pra fazer projeto social, pegar projeto cultural. A gente sempre teve necessidade de dar nota fiscal. Ai a gente falo um dia: “Vamo pega o grupo de catira e faze um cnpj.” O instituo é legal porque dá esse respeito: “Ah, tô falando com um instituto, não com um grupo de catira”.

